

Representações sociais emergentes no universo Red Pill e MGTOW brasileiro

RAFAELLA S. DAUDT

*Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil*

VANESSA VALIATI

*Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil*

DANIEL CONTE

*Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil*

ID 2870

Recebido em

24.10.2023

Aceito em

09.12.2024

Este estudo analisou representações sociais junto aos movimentos masculinos Red Pill e MGTOW no *YouTube* através de uma pesquisa descritiva e exploratória com base em 94 descrições de canais brasileiros sobre o tema. Identificou-se cinco categorias: estereótipo da mulher como indigna de confiança; uma suposta realidade que precisa ser desvelada pelos homens; autoridade permeada por autonomia masculina; culto ao desempenho; e conceitualização geral do movimento. Essas representações refletem não apenas as visões e ideologias de seus membros, mas também revelam uma heterogeneidade no movimento e em relação às suas percepções sobre o papel da mulher.

Palavras-chave: Normas de gênero. Representações sociais. Informações prejudiciais.

Emerging Social Representations in the Brazilian Red Pill and MGTOW Universe

This study analysed social representations of the Red Pill men's movement on *YouTube* through descriptive and exploratory research based on 94 descriptions of Brazilian channels on the subject. Five categories were identified: the stereotype of women as untrustworthy, a supposed reality that needs to be unveiled by men, authority permeated by male autonomy, the cult of performance, and a general conceptualisation of the movement. These representations reflect not only the views and ideologies of its members but also reveal a heterogeneity within the movement and in their perceptions of the role of women.

Keywords: Gender norms. Social representations. Harmful information.

Representaciones sociales emergentes en el universo Red Pill y MGTOW brasileño

Este estudio analizó las representaciones sociales del movimiento masculino Red Pill en *YouTube* a través de una investigación descriptiva y exploratoria, basada en 94 descripciones de canales brasileños sobre el tema. Se identificaron cinco categorías: el estereotipo de la mujer como indigna de confianza; una supuesta realidad que necesita ser develada por los hombres; la autoridad permeada por la autonomía masculina; el culto a la performance; y una conceptualización general del movimiento. Estas representaciones reflejan no solo las visiones e ideologías de sus miembros, sino también revelan una heterogeneidad dentro del movimiento y en sus percepciones sobre el papel de la mujer.

Palabras clave: Normas de género. Representaciones sociales. Información nociva.

Rafaella S. **DAUDT**

Psicóloga e mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pelo Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Universidade Feevale, Novo Hamburgo,
Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: rafaella@feevale.br

ORCID



Vanessa **VALIATI**

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Indústria Criativa e do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Universidade Feevale, Novo Hamburgo,
Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: vanessavaliati@feevale.br

ORCID



DANIEL **CONTE**

Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Universidade Feevale, Novo Hamburgo,
Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: danielconte@feevale.br

ORCID



Introdução

Em março de 2023, o termo “Red Pill” passou a ganhar notoriedade no Brasil após um influenciador autodenominado “coach de masculinidade” ameaçar uma humorista que parodiou seu conteúdo. A expressão, que em português significa “pílula vermelha”, faz referência ao filme *Matrix* (1999), cuja personagem principal enfrenta a escolha entre uma pílula azul que manteria uma vida de ilusão e uma pílula vermelha que revelaria a realidade (Janu, 2023; Barros, 2023). A chamada “filosofia Red Pill” tem atraído homens heterossexuais que buscam se libertar dessa vida de ilusões, supostamente tomada por ideais feministas, sendo mais evidente desde o surgimento da Web 2.0¹ e encontrando espaço em várias redes sociais (Van Valkenburgh, 2021).

Seu discurso alinha-se com a tendência política *alt-right* e é considerado um elemento da *manosphere* ou machosfera, que engloba desde questões progressistas (como casos de negligência com a saúde masculina ou serviços sociais desiguais) até discursos de ódio e misoginia. Ela é considerada uma rede de comunidades de interesses masculinos que se tornou popular em 2012 com o livro *The Manosphere: a New Hope for Masculinity*, de Ian Ironwood. No seu interior, existem hierarquias e ordenações com distintas masculinidades, incluindo as conservadoras (*Alphas*) e as mais extremas, como os *Men’s Rights Activists* (MRAs) e os *Pickup Artists* (PUAs), bem como masculinidades consideradas betas, como os Incels. Um exemplo híbrido dessas masculinidades é o movimento Men Going Their Own Way (MGTOW) (Nagle, 2017; Vilaça; D’Andréa, 2021).

No ambiente virtual, ocorre a disseminação desses discursos, assim como a amplificação de conflitos sociais reais e do ódio (Santos, 2016), pela via da democratização de conteúdos, mas também com a elevação da misoginia nas redes sociais (Zuckerberg, 2018). O movimento se tornou mais visível quando passou a se apresentar como uma versão moderada e mais palatável do espectro *alt-right*, a que Angela Nagle (2017, p. 7, tradução nossa) se refere como uma coalizão de grupos compostos por “gamers adolescentes, amantes de anime, pseudônimos que postam suásticas, conservadores irônicos de *South Park*, brincalhões antifeministas, assediadores nerd e trolls que fazem memes”². A vertente chamada *alt-light* critica o politicamente correto, defende a liberdade de expressão e compartilha algumas posições do próprio discurso *alt-right*.

Embora aplicativos de mensagens instantâneas ainda sejam locais de encontro predominantes (Intrieri, 2023) – como no caso do Telegram, cujas comunidades ligadas à machosfera apresentam relações com redes de disseminação nocivas (Velho, 2023) –, no Brasil são os influenciadores digitais que lideram discursos sobre uma idealizada masculinidade (Torres, 2023). O estudo de Soraya Januário e Marcela Chacel (2023), por exemplo, analisa o fenômeno junto ao cenário nacional, debruçando-se especialmente sobre o perfil de um *coach* de masculinidade brasileiro no Instagram, buscando identificar narrativas e modelos tóxicos dessa masculinidade. As autoras deparam-se com categorias temáticas que, entre outras representações, colocam a mulher em um papel de opressora e interesseira.

No mesmo sentido, Erick Felinto (2023) observa o fenômeno como pertencente a um cenário neoconservador cujas noções transitarium entre um passado remoto e um futuro tecnológico. De certa forma, haveria contradições presentes dentro da ideologia, por vezes pregando hierarquia, ressentindo-se com

01 Tim O’Reilly (2006) definiu a Web 2.0 como a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nessa nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais forem usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva.

02 No original: “teenage gamers, pseudonymous swastika-posting anime lovers, ironic *South Park* conservatives, anti-feminist pranksters, nerdish harassers and meme-making trolls”.

elites culturais ou sustentando pensamentos libertários, mas expressando retóricas reacionárias. Ambas as pesquisas têm seu ponto de partida junto às narrativas disseminadas pelo *coach* de masculinidade acusado de ameaças à humorista. Entretanto, considerando as interconexões que estes estudos têm com outras ideologias, além das implicações sociais neles envolvidas, investigações mais amplas, envolvendo mobilizadores de informações, poderiam ampliar o conhecimento acerca desse imaginário.

Há de se considerar que o imaginário social transcende o nível individual, formando uma rede de valores compartilhados, tanto presencialmente quanto no ambiente virtual (Silva, 2006), constituindo-se como um elemento capaz de aglutinar identidades grupais (Maffesoli, 2001). Ainda que haja um contraponto crítico, especialmente por parte de mulheres, contra os modelos hegemônicos, essas representações, ligadas a força e virilidade, frequentemente impõe estratégias de dominação. Assim, a relação entre representações de masculinidade, violência e discriminação, bem como o papel ativo do homem na construção social, reforça a ideia de que apenas os homens são agentes construtores da sociedade, contribuindo para a violência simbólica (Almeida; Carvalho, 2022).

Ainda que nossas percepções sejam respostas a estímulos do ambiente físico, frequentemente elas estão sujeitas a tendências afetivas, distorções e vieses cognitivos. Serge Moscovici (2015) parte de pressupostos da psicologia social, argumentando que essas distorções e vieses relacionam-se a modelos, tendências e regras que se tornam normas. Ele destaca que nossa percepção muitas vezes é limitada por preconceitos, levando a fenômenos como invisibilização social, em que contribuições de diferentes grupos são menosprezadas. Além disso, nossa percepção da realidade é influenciada por representações compartilhadas pela comunidade, atuando como filtros que direcionam interpretações e respostas.

Frente à relevância que os influenciadores que disseminam o assunto vêm ganhando, torna-se pertinente examinar quais as principais opiniões, crenças e ideias que estão sendo postas ali. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar as principais representações sociais que surgem junto aos movimentos Red Pill e MGTOW no Brasil, tomando como materialidade as descrições dos canais que divulgam a temática no *YouTube*. Os resultados serão examinados à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS), considerando representações como estruturas de conhecimento avaliativas, cognitivas e afetivas que surgem a partir das relações entre sujeito e sociedade, desempenhando o papel de facilitadoras de direcionamento e processamento de informações sociais (Moscovici, 1984). Dessa forma, compreendê-las é reconhecer a visão de mundo que esses grupos compartilham e empregam em suas ações e posicionamentos. Essa compreensão se torna indispensável para o entendimento de dinâmicas de interações e práticas sociais (Chaves; Silva, 2013).

Método

A pesquisa é descritiva e exploratória, de caráter misto, utilizando-se de análises quantitativas e qualitativas para análise dos dados (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012). A coleta dos dados foi realizada pela ferramenta *YouTube Data Tools* (Rieder, 2019), e a categorização temática foi feita via análise lexical com o apoio do *software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*, que permite uma análise de dados baseada no ambiente estatístico do *software R*. Por meio dessa análise, torna-se possível descrever materiais produzidos por indivíduos ou grupos, além de tornar comparáveis as produções frente às variáveis específicas que descrevem quem as produziu (Camarogo; Justo, 2013). Foram realizadas estatísticas textuais por meio de análise lexical clássica e da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) proposta por Max Reinert (1990).

As análises lexicais clássicas identificam quantidades de palavras, sua frequência média, o número de hapax (palavras de frequência única) e realizam lematização, reduzindo as palavras com base em suas raízes. A CHD organiza segmentos textuais a partir de seus respectivos vocabulários, e, com base na frequ-

ência de palavras, seu conjunto é repartido. A análise busca obter classes de Unidades de Contexto Elementares (UCE) que apresentem vocabulário similar entre si, ao mesmo tempo em que sejam distintos das UCE das demais classes. Os resultados são apresentados por meio de uma análise fatorial de correspondência, que irá representar as palavras e variáveis associadas às suas classes em um plano cartesiano. O *software* possibilita que os segmentos associados a tais classes sejam recuperados com a finalidade de obter seu contexto, o que viabiliza uma análise quantitativa (Camargo; Justo, 2013).

Optou-se pela plataforma de vídeos *YouTube*, uma vez que, até o final do ano de 2022, o Brasil ocupava o terceiro lugar mundial em seu ranking de usuários, com uma audiência de 142 milhões de pessoas (Leading..., 2023). De forma global, e com base em dados de audiência publicitária, 45,6% dos usuários são mulheres e 54,4% são homens (*YouTube...*, 2023). Por mais que a rede tenha um controle de conteúdo, até 2017 ela figurava em terceiro lugar no ranking de denúncias por discursos segregacionistas junto ao Safernet³ (Soprana, 2017). Utilizando a função Channel List da ferramenta *YouTube Data Tools* (Rieder, 2019), criou-se uma lista de informações e estatísticas dos canais a partir da opção de pesquisa específica.

Em um primeiro momento, a pesquisa foi pelo termo “Red Pill”. Optou-se por expandir a busca, o que se deu por meio de uma segunda varredura, que empregou o termo “MGTOW” dada a sua frequência nos resultados iniciais da coleta e considerando sua relevância junto ao tema inicial. O *script*, então, criou um arquivo tabular em que cada linha correspondia a um canal. Uma série de informações e variáveis foi adicionada para cada um deles, tais como título, descrição, número de visualizações, número de assinantes, palavras-chave, idioma, região e data de criação do canal⁴.

Como critérios de inclusão, foram selecionados os canais que possuíssem descrição em português brasileiro (pt-br). Compôs-se o *corpus* a partir da descrição dos canais, formatando o texto de acordo com o manual do Iramuteq (Salviati, 2017). Nesse sentido, siglas e nomes próprios foram uniformizados e complementou-se frases incompletas, tomando-se o cuidado para que seu sentido não fosse perdido. Além disso, foram retiradas introduções do tipo “Este canal fala sobre...”, concentrando-se apenas na descrição do conteúdo em si.

Resultados

Em um primeiro momento, a busca pelo termo “Red Pill” retornou 423 resultados, enquanto a busca pelo termo “MGTOW” resultou em 430 materialidades. Após aplicados os critérios de inclusão e removidos conteúdos duplicados, permaneceram 94 canais, criados entre 2010 e 2023, cujo conteúdo descritivo relacionava-se com a temática Red Pill e MGTOW. Em relação aos números de assinantes, o canal com maior expressividade acumulava 229.000, enquanto o de menor relevância não contava com nenhum ($\mu = 8800,16$).

A média de visualizações, contabilizando todos os vídeos de todos os canais, ficou em 612.683 *views*. O *corpus* foi inserido no *software* e separado em 113 segmentos de texto (ST) com aproveitamento de 84 STs (74,34%). Foram encontradas 2.259 ocorrências (palavras), sendo 779 palavras distintas e 536 com ocorrência única. Verificou-se que as principais palavras que compõem as descrições são: homem (50); Red Pill (32); MGTOW (20); desenvolvimento (17); masculino (15); mulher (14); mundo (11); pessoal (11); seguir (10); e vida (9). O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes, a saber: Classe 1, com 22 ST (26,19%); Classe 2, com

03 A SaferNet Brasil (Institucional..., 2023) é uma organização da sociedade civil (OSC) de direito privado, sem fins lucrativos, de atuação em todo o território nacional. Ela não possui afiliações políticas, religiosas ou étnicas. Foi estabelecida em 20 de dezembro de 2005, com o objetivo principal de promover e proteger os direitos humanos na internet brasileira.

04 A tabela com as informações sobre os canais pode ser consultada em: <https://drive.google.com/drive/folders/1X8V677sl4ShciI03q1-RfPnqDD96SJlz?usp=drive_link>.

20 ST (23,81%); Classe 3, com 7 ST (8,33%); Classe 4, com 15 ST (17,86%); e Classe 5, com 20 ST (23,81%). Estas classes encontram-se divididas em duas ramificações (A e B) do *corpus* total. O *subcorpus* A apresenta uma segunda subdivisão, com duas outras ramificações que posicionam a Classe 1 e a Classe 2 dentro da primeira ramificação, e a Classe 3 em uma segunda. Já no *subcorpus* B, encontram-se as Classes 4 e 5.

Optou-se pelo processo de lematização que deflexionou determinadas palavras com a finalidade de determinação de lemas – nesse caso, termos como “amo” ou “amar” passam a pertencer ao lema “amor”, por exemplo. Para uma melhor visualização das classes, foi feito um organograma no qual constam as palavras geradas em cada uma a partir do teste qui-quadrado. Ressalta-se que, na construção do gráfico e na análise das categorias, considerou-se somente as palavras com χ^2 maior do que 3,84 e $p < 0,0001$, por determinarem força de ligação entre elas (Souza, 2015; Camargo; Justo, 2013) (Figura 1).

É importante ressaltar que diversos estudos em teoria das representações sociais vêm utilizando processos lexicométricos incorporados aos seus métodos de pesquisa há algum tempo (Kalampalikis, 2003, Sousa *et al.*, 2020). A CHD proposta por Reiner (1990) vem sendo usada em pesquisas de psicologia social que se interessam pelo conhecimento do senso comum, de forma que cada classe seria capaz de indicar representações sociais sobre determinado objeto ou fenômeno (Veloz; Nascimento-Schulze; Camargo, 1999).

Analisando um desses estudos, realizado por Estelle Masson e Serge Moscovici (1997), Nikos Kalampalikis (2003) explora como se dá a passagem da categorização lexical aos referenciais temáticos que irão compor as classes representativas. Conforme o autor, longe de uma ilusão positivista de que haveria uma distinção clara entre as duas definições, é necessário que, nessa fase da análise, o pesquisador busque uma formação de redes de significados. Nesse caso, essa rede de significados foi construída partindo da própria classificação, mas utilizando como suporte a ferramenta “concordância”, que identifica cada segmento textual, buscando recuperar o seu contexto.

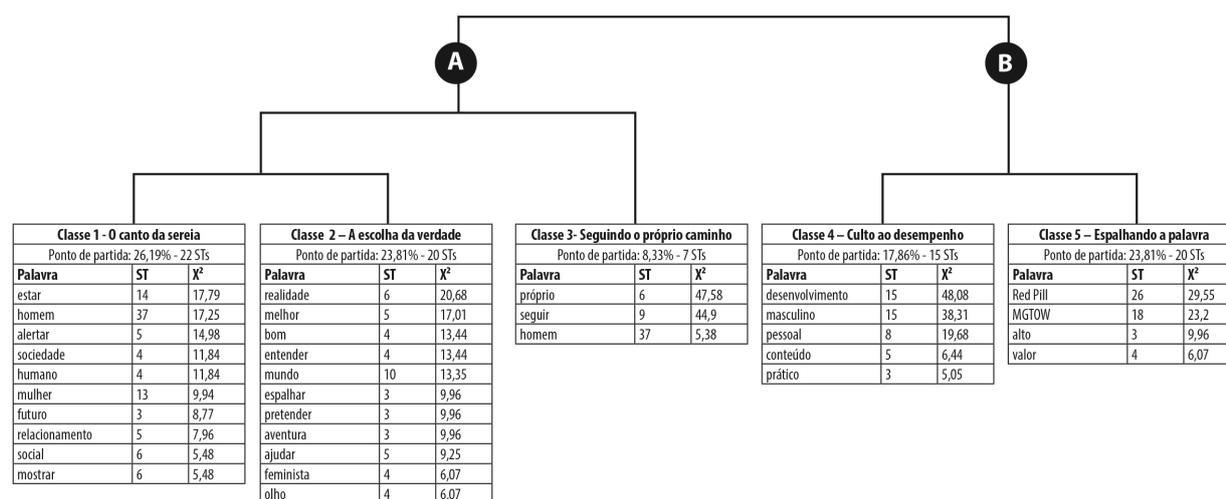


Figura 1: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Fonte: Elaborado pelos autores.

As classes identificadas foram analisadas de acordo com o conteúdo. A Classe 1, “O canto da sereia”, compreende 26,19% (representando 22 ST) do *corpus* total analisado. Essa parte do *corpus* é constituída por palavras no intervalo $x^2 = 5,48$ (“mostrar” e “social”) e $x^2 = 17,79$ (“estar”), sendo composta por palavras como “homem” ($x^2 > 17,25$), “alertar” ($x^2 > 14,98$), “sociedade” ($x^2 > 11,84$), “humano” ($x^2 > 11,84$), “mulher” ($x^2 > 9,94$), “futuro” ($x^2 > 8,87$), “social” ($x^2 > 5,48$) e “mostrar” ($x^2 > 5,48$). Na análise realizada, verificou-se que, aqui, estão elencadas preocupações referentes à percepção de uma sociedade na qual os homens estariam, supostamente, perdendo seus direitos. Além disso, aparecem representações da mulher como enganadora ou traidora.

A Classe 2, “A escolha pela verdade”, compreende 23,81% (representando 20 ST) do *corpus* total analisado. Essa parte do *corpus* é constituída por palavras no intervalo $x^2 = 6,07$ (“olho”, “feminista”) e $x^2 = 20,68$ (“realidade”), sendo composta por palavras como “realidade” ($x^2 > 20,68$), “melhor” ($x^2 > 17,01$), “bom” ($x^2 > 13,44$), “entender” ($x^2 > 13,44$), “mundo” ($x^2 > 13,35$), “espalhar” ($x^2 > 9,96$), “pretender” ($x^2 > 9,96$), “aventura” ($x^2 > 9,96$), “ajudar” ($x^2 > 9,25$), “feminista” ($x^2 > 6,07$) e “olho” ($x^2 > 6,07$). O conteúdo analisado nessa classe é permeado pelo imaginário da “filosofia Red Pill” em si.

Por sua vez, a Classe 3, “Seguindo o próprio caminho”, compreende 8,33% (representando 7 ST) do *corpus* total analisado. Essa parte do *corpus* é constituída por palavras no intervalo $x^2 = 5,38$ (homem) e $x^2 = 47,58$ (próprio), sendo composta, ademais, pelas palavras “homem” ($x^2 > 5,38$), “seguir” ($x^2 > 44,9$) e “próprio” ($x^2 > 47,58$). Essa classe constitui-se pelo discurso e pelas definições do que seria um “homem MGTOW”.

A Classe 4, “Culto ao desempenho”, compreende 17,86% (representando 15 ST) do *corpus* total analisado. Essa parte do *corpus* é constituída por palavras no intervalo $x^2 = 5,05$ (“prático”) e $x^2 = 48,08$ (“desenvolvimento”), sendo composta por palavras como “desenvolvimento” ($x^2 > 48,08$), “masculino” ($x^2 > 15,31$), “pessoal” ($x^2 > 19,68$), “conteúdo” ($x^2 > 6,44$) e “prático” ($x^2 > 5,05$). A análise verificou que o conteúdo dessa classe está relacionado a questões que abordam o desenvolvimento pessoal, profissional ou mesmo emocional.

Por fim, a Classe 5, “Espalhando a palavra”, compreende 23,81% (representando 20 ST) do *corpus* total analisado. É constituída por palavras no intervalo $x^2 = 6,07$ (valor) e $x^2 = 29,55$ (“Red Pill”), sendo composta por palavras como “Red Pill” ($x^2 > 29,55$), “MGTOW” ($x^2 > 23,2$), “alto” ($x^2 > 9,96$) e “valor” ($x^2 > 6,07$). Aqui, constam conteúdos relacionados à divulgação dos conteúdos Red Pill e MGTOW. São descrições de canais que visam difundir ou explicar os conceitos entre os homens, além de trazer a representação do “homem de alto valor”.

Antes de adentrar na seção a seguir, que se dedica às análises do *corpus*, cabe esclarecer que a reverberação de tais conteúdos, ainda que feito em um artigo que os critica, tem o potencial de servir aos interesses dos detentores desses canais. Dessa forma, optou-se por omitir as referências, links e nomes dos canais dos quais as materialidades para análise foram retiradas.

Discussão

A análise dos resultados teve como intenção identificar as representações que emergiram através de trechos descritivos presentes em cada categoria. Na Classe 1, intitulada “O canto da sereia”, há uma narrativa que defende que homens heterossexuais devem lutar para combater preconceitos e discriminações que eles teriam passado a sofrer frente a um “domínio feminista” expresso por lutas identitárias e pela legislação atual. Nesta categoria, há uma *representação social* da mulher como traidora ou indigna de confiança, como adverte um dos canais: “Você será alertado sobre casos de falsa acusação e traições reais e você pode ser o homem traído ou tendo um processo de falsa acusação de assédio no futuro, você está sendo avisado!” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]). Percebe-se que a descrição recai sobre o espectro da traição, já que o homem, ao relacionar-se com uma mulher, correria o risco de ser falsamente acusado por

algo como assédio, por exemplo. Além disso, o trecho enfatiza que o interlocutor, homem, é alertado para o risco de uma “traição real”.

R. Howard Bloch (1995), nesse sentido, postula que a representação da mulher como enganadora remonta ao período medieval e tem suas raízes na associação do feminino com as seduções e com os ardis da fala. O autor traz exemplos de narrativas como as das Sereias de Homero, o mito de Pandora e a visão da mulher que, através da fala, foi responsável pela semente da discórdia entre o homem e Deus. Essa fala perpétua, trazida pelo *topos* medieval, não permitiria nenhum tipo de postura inocente. A mulher como faladora e mentirosa ainda ocupa uma posição privilegiada nas combinações folclóricas dos sexos com premissas supostamente científicas.

Vale lembrar que o discurso misógino se fazia presente no século XIX nos escritos de Friedrich Nietzsche, por exemplo: “Desde o início, nada foi mais alheio, repugnante e hostil à mulher do que a verdade – sua grande arte é a mentira, sua preocupação máxima é a mera aparência e beleza” (Nietzsche, 1980 apud Bloch, 1995, p. 31). Ainda no mesmo século, os estudos que tratavam sobre as diferenças de gênero reproduziam interpretações de caráter essencialista que ultrapassavam as origens biológicas.

Quando diferenças entre medidas de inteligência masculina e feminina não eram encontradas, os pesquisadores buscavam essas distinções em outros níveis: traços de personalidade, julgamentos morais, atitudes, interesses, entre outros. Havia uma busca pela imagem do que seria uma mulher típica, e esta seria oposta à imagem do homem (Galinkin; Ismael, 2013). Assim, as representações sociais também foram desenvolvendo-se no cerne das teorias, filosóficas ou científicas, dominantes na sociedade (Moscovici, 1978).

Ressalta-se que, segundo Moscovici (2015), essas representações são elaboradas com base em dois processos principais: objetivação e ancoragem. No processo de objetivação, um fenômeno abstrato é conectado a determinada imagem ou conceito, adquirindo uma materialidade simbólica. Já no processo de ancoragem, esse esquema conceitual que se formou passa a vincular-se a referências socioculturais coletivas, adquirindo significados para determinados grupos – o que era estranho passa a ser familiar quando incorporado ao cotidiano. Uma vez que essas representações formam-se como uma maneira de transformar o desconhecido em familiar, pode-se levantar hipóteses sobre um processo de ancoragem frente a descrições que clamam por uma união masculina, como é possível observar em enunciados como “Ou nos unimos e nos organizamos ou estaremos liquidados” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]); ou, ainda, frente a descrições que denunciam uma sociedade supostamente entregue a um “domínio feminista”.

Mostrar à sociedade o quanto os políticos estão entregues ao domínio feminista, com suas leis anti-homem, ódio ao homem em excesso, misandria. Chega de falsa acusação. Chega de monopólio feminista nas varas de família. Chega de violência legal contra homem (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Nos dois casos, parece haver uma expressão de intimidação frente a políticas públicas que busquem por igualdade ou proteção às mulheres e ao próprio movimento feminista. Um estudo de Naiana Patis e colegas (2021) mostra que, no Brasil, os indivíduos atribuem características mais positivas às mulheres que não se assumem como feministas. Igualmente, a citada investigação reforça que, no país, ainda são necessários esclarecimentos sobre esse movimento e a liberdade das mulheres. Também haveria o agravante de os próprios representantes políticos disseminarem falas pejorativas ou equivocadas sobre o movimento. Nesse sentido, as expressões de intimidação poderiam ter suas raízes em processos cognitivos que buscam ancorar sua compreensão acerca dos direitos femininos em territórios já conhecidos, com base em estereótipos de gênero ou visões negativas sobre mulheres permeados por representações pré-existentes.

A Classe 2, intitulada como “A escolha pela verdade”, pertence à mesma ramificação da Classe 1, o que acarreta algumas semelhanças entre ambas. As representações das mulheres seguem pela via do este-reótipo de infiel ou enganadora. Entretanto, os segmentos aqui representados versam sobre uma suposta

realidade que precisa ser compreendida pelos homens. Essas representações partem da própria “filosofia Red Pill”, que tem como referência uma cena do filme *Matrix* (1999), em que Morpheus (Laurence Fishburne) oferece ao protagonista Neo (Keanu Reeves) duas pílulas que lhe dariam a oportunidade de escolher entre viver na ignorância e ser feliz, ou descobrir a verdadeira realidade. Caso Neo aceitasse a pílula azul, ele acordaria na sua própria cama e poderia acreditar naquilo que quisesse. Entretanto, se aceitasse a pílula vermelha, ele poderia “ficar no país das Maravilhas e ver o quão profundo era o buraco do coelho”, uma alusão à verdade oferecida por Morpheus.

Donna Zuckerberg (2018) relata que, a partir disso, um dos maiores fóruns masculinos na plataforma Reddit surgiu sob o nome de “Red Pill”, com o objetivo primordial de promover a “verdadeira igualdade de gênero” atacando aquilo que compreendiam como “privilégios femininos”. Nesse sentido, a autora complementa que esse tipo de narrativa abrangente pode se tornar central na construção de identidades, e que os integrantes do movimento descrevem essa descoberta – de que o mundo seria injusto com os homens – como uma espécie de conversão à qual se referem como “tomar a pílula vermelha”. As descrições encontradas nessa categoria têm discursos que prometem orientar e fortalecer os homens: “Ajudar você o homem a ser sua melhor versão. Não irei passar a mão na sua cabeça, pelo contrário, aqui você irá tomar muito tapa na cara, mas somente assim você irá enxergar a verdadeira realidade e se tornará um homem de verdade” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Além disso, observam-se discursos que narram esses homens como vítimas, uma vez que “Mulheres não são fiéis e nem possuem bom caráter para com os homens” e que a filosofia Red Pill faria com que seus seguidores compreendessem isso, descrevendo-a como a “escolha da busca pela realidade, a escolha da verdade” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]). Alguns canais ainda se utilizam de argumentos que visam “Ajudar os irmãos a não caírem nas mãos de mulheres espertinhas” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Aline Hernandez e André Silva (2021) apontam que algumas ideias centrais na Teoria das Representações Sociais (TRS) sofreram influência de perspectivas sociointeracionistas propostas por Lev Vigotski (1998). Assim, as relações entre sujeito e contexto seriam as responsáveis por moldar as redes de aprendizagem e os processos de significação do conhecimento. Isto, por sua vez, possibilita a comunicação das experiências individuais e coletivas, facilitando a construção e a transmissão de conhecimentos ao longo do tempo. Nesse caso, essa transmissão aparece sob a forma de um comportamento solidário no qual os homens estariam dispostos a cooperar para que todos tivessem acesso a essa “realidade”.

O uso de tal metáfora já foi realizado no *Twitter/X*, em 2020, pelo então ministro da Educação do Brasil, Abraham Waintraub, integrante da ala ideológica do governo Bolsonaro. Waintraub, que extinguiu uma portaria de 2016 que tratava sobre cotas para pessoas com deficiências, indígenas e negras em universidades federais, era discípulo do escritor Olavo de Carvalho, crítico do que chama de “ideologia de gênero” (Sanches, 2020). Na ocasião, o ex-ministro postou a frase “Está chegando a hora de decidir” juntamente a uma conhecida imagem do filme *Matrix*. Uma das criadoras do longa-metragem, Lily Wachowski, respondeu ao *tweet* na plataforma apenas com “Fuck you” (O Globo, 2023). Ela e a irmã, ambas mulheres transgênero, fizeram a transição de gênero depois de estabelecerem suas carreiras como cineastas. Como criadoras e diretoras de *Matrix*, posicionam-se contra as apropriações que grupos conservadores da direita fazem com base nas metáforas do roteiro. Para elas, a pílula vermelha seria uma alegoria aos comprimidos de estrogênio utilizados em sua transição de gênero (Vilaça; D’Andréa, 2021).

Esses tensionamentos mostram como as representações sociais podem se tornar uma forma de conhecimento característica de sociedades em que uma velocidade acelerada de informações demanda um constante processamento do novo. Entretanto, esse processamento fundamenta-se no olhar de quem observa, fazendo com que as representações não sejam apenas um reflexo do real, mas sua tradução (Arruda, 2002). Apesar de a classe apresentar algumas representações que remetem à imagem de “homem de verdade” ou de sua “melhor versão”, estas não se fizeram tão expressivas quanto em classes que abordaremos a seguir.

A Classe 3, intitulada “Seguindo seu próprio caminho”, dirige o seu foco para o movimento MGTOW e suas definições. As descrições dos canais abordam a soberania, a autonomia – aqui referida como “auto-posses” (*sic*) – e a liberdade masculinas. Nagle (2017) identificou quatro níveis dentro do movimento que são frequentemente indicados por seus membros. No Nível 0, o membro adere ao movimento ao “tomar a pílula vermelha” e rejeitar o feminismo. No Nível 1, rejeitam envolver-se em relacionamentos de longo prazo. No Nível 2, negam relacionamentos de curto prazo e encontros casuais.

O Nível 3 implica um desengajamento econômico das mulheres. O Nível 4, por fim, representa um desengajamento social em que o homem se recusa a interagir com uma sociedade que ele vê como contaminada pelo feminismo. Em seus fóruns, são discutidos encontros de uma noite, enquanto outros optam exclusivamente pela masturbação ou recorrem à prostituição, dependendo do nível em que estão. Nos achados deste estudo, os níveis não são citados, mas as representações de liberdade e autonomia podem ser indícios desse desengajamento progressivo conceituado pela referida autora.

Assim, torna-se interessante resgatar algumas representações de gênero e suas implicações ao longo do tempo. Na passagem do século XIX para o século XX, os papéis de gênero eram bem definidos, e, no Brasil, o Código Civil de 1916 permanecia fiel aos princípios do Direito Canônico e à ideia de que o casamento era indissolúvel. Isso garantia a submissão da esposa ao marido, reservando ao homem o papel de chefe de uma sociedade conjugal. Era sua responsabilidade a administração dos bens e dos próprios direitos da mulher que, sob ordens jurídicas, era sua subordinada e dependente legal. Para além do Código Civil, adentrando no campo da cultura, o uso da violência era compreendido como legítimo para coibir comportamentos considerados excessivos por parte de uma esposa. Além disso, era dele o poder de decisão sobre a escolha profissional dos filhos.

Face ao exposto, os papéis eram muito claros: ao homem, cabia a proteção e a manutenção financeira doméstica; à mulher, a administração da casa e a dedicação à família. Tudo isso era permeado por uma espécie de código de honra, sob o qual era esperado que a esposa, em troca de seu sustento, fosse vista como uma figura de respeito pela sociedade, em conformidade com os princípios morais e os valores enraizados. Em suma, a reputação social do marido estava intrinsecamente ligada ao comportamento da mulher. Por vezes, em casos de adultério, homens viam-se com a “honra manchada” e, sustentando-se nas tradições patriarcais, cometiam crimes passionais.

Para além do papel de provedor, em meados dos anos 1930 e 1940 o cinema *hollywoodiano* recebeu forte colaboração na criação de representações masculinas, fazendo os homens se identificarem com a imagem do homem viril, sedutor e canastrão, tal qual os interpretados por Gregory Peck ou Humphrey Bogart. Ao longo dos anos, e com a crescente do movimento feminista, essas dinâmicas começaram a se alterar. No Brasil, passaram a ser percebidas, de forma política e sociocultural, a partir dos anos 1990. Entretanto, no campo subjetivo, não obedeceram a uma linearidade (Fiuza, 2010).

A partir disso, levanta-se a hipótese de que as descrições encontradas nessa categoria vão ao encontro de um regresso ao imaginário do “homem provedor” ou do “homem protetor”. Entretanto, frente a uma realidade que não permite um controle absoluto da mulher, o discurso volta-se para si mesmo. Aqui, o homem protege a sua soberania, tal qual visto nas descrições que abordam “homens livres, seguindo seu próprio caminho” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]), ou ainda argumentando que “homens que vão à sua própria maneira são uma indicação de autoposses [*sic*], onde o homem moderno preserva e protege sua própria soberania” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]). Na maioria dos casos, o foco volta-se para um ideal de autonomia que não prevê nenhum tipo de participação feminina, tal qual a seguinte descrição:

O que é MGTOW? Men Going Their Own Way, ou, em português, Homens Seguindo Seu Próprio Caminho. Pronuncia-se Mig-tau, e é basicamente a declaração de autopropriedade masculina. Diz que só nós temos o direito de decidir os objetivos que seguiremos em nossas vidas (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Isto posto, cabe revisitar o conceito de *representação social* de Denise Jodelet (1989), que a define como uma forma de conhecimento compartilhado que possui um objetivo prático na construção de uma realidade que seja comum a determinado conjunto social. A autora ressalta, ainda, o estatuto epistemológico que compõe um dos planos relacionados às representações sociais, ligado intrinsecamente à forma como a realidade é representada (Jodelet, 1989). Nesse sentido, Angela Arruda (2002), baseando-se nos estudos feitos por Jodelet e Moscovici, explica que a *representação social* pode ser considerada uma forma de conhecimento *socicêntrico* que emerge, justamente, com a finalidade de suprir os interesses, os desejos e as necessidades de um grupo.

Isso levaria a uma espécie de “defasagem”, uma distorção relacionada ao objeto que está sendo construído. Nesse caso, considera-se essa dinâmica no discurso de “posse de si mesmo”. Se antes existia uma ideia de posse e soberania sobre a mulher e a família, no processo de ancoragem esses elementos parecem ser resgatados, e seus sentidos, alterados uma vez que a posse, agora, seria sobre o próprio sujeito. Assim, aquilo que parece configurar-se como uma distorção tem como função a organização do sentido do objeto para que este seja adaptado às necessidades de quem o está representando (Arruda, 2002). Essa categoria, além de reunir descrições objetivas sobre o movimento, mostra como o caráter dinâmico das representações sociais opera uma metamorfose do sujeito e do objeto ao passo que ambos são alterados durante o processo de elaboração. Vale ressaltar que as ideias de “seguir seu próprio caminho” ou “decidir os objetivos” ainda estariam ancoradas em uma ideologia gerencialista, que será abordada na próxima categoria.

A Classe 4, “Culto ao desempenho”, é uma categoria cujas descrições falam sobre superação de limites, busca por objetivos próprios, autoconhecimento e autodisciplina, conforme exposto no trecho a seguir:

Dicas práticas, reflexões e inspirações para ajudá-lo a desenvolver habilidades pessoais como autoconfiança, comunicação eficaz, resiliência, autodisciplina, entre outras. Materiais educativos e motivacionais sobre desenvolvimento pessoal e autoconhecimento. Técnicas e estratégias para lidar com desafios, superar limitações e alcançar seus objetivos (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Apesar de soar como um conteúdo prático, abordando técnicas e dicas, as referências recaem sobre a representação do executivo bem-sucedido, sustentado por discursos gerencialistas. O estudo de Gustavo Castro e colegas (2021) presentifica a ideologia gerencialista que se dá no meio organizacional, para a qual as intenções de poder são dissimuladas tanto pela via das práticas de gestão dos recursos humanos quanto pela via da própria retórica gerencialista, cujos objetivos englobam a associação de aspectos uniformizadores de comportamento a um discurso de autoadministração ou de meritocracia. Os autores elucidam que o gerencialismo pode ser considerado um sistema de representação quando advoga em prol de que toda a atividade deve ser desenvolvida com o objetivo de alcançar o sucesso.

Vincent de Gaulejac (2007) acrescenta que essa é uma gestão que provoca uma rentabilização do indivíduo, de forma que ele deve ser o gestor de sua própria vida, fixando objetivos, avaliando seu desempenho e convertendo seu tempo em tempo rentável. Em uma sociedade que visa moldar o homem para que ele assuma a função de empreendedor para um mundo de produção, a imagem do *manager* é aquela que emerge como um ideal a ser alcançado: “O homem que empreende, que é capaz de assumir riscos, decidir, resolver problemas complexos, suportar o estresse, desenvolver sua inteligência cognitiva e emocional, pôr todas as suas qualidades a serviço da rentabilidade” (Gaulejac, 2007, p. 178).

Sabe-se que as transformações econômicas globais que vêm ocorrendo desde a década de 1970 têm atingido o universo laboral, acarretando uma desregulamentação de postos de trabalho concomitante ao apelo à informalidade e à flexibilização. Assim, junto a uma era de trabalho precarizado, emergem discursos recorrentes sob a égide do empreendedorismo, na forma de orientações do tipo “seja seu próprio chefe” (Oliveira; Moita; Aquino, 2016).

Os trechos encontrados nessa categoria ainda versam sobre desenvolvimento emocional, resiliência ou autocontrole, de modo muito semelhante a termos encontrados em conteúdos motivacionais. Uma análise feita por Wagner Salles e colegas (2019) investigaram discursos de *coaches*, encontrando termos frequentes como “resiliência”, “motivação”, “afeto”, entre outros, que criam vínculos diretos com esferas subjetivas e psicológicas. Nessa perspectiva, é deslocada para o sujeito a responsabilidade de dominar esses aspectos para se tornar bem-sucedido em qualquer área de sua vida. Ainda no contexto de uma ideologia gerencialista, as técnicas de desenvolvimento pessoal operariam como uma possibilidade de “realização de si mesmo”. Os autores sustentam que sua análise demonstrou que tal ênfase, quando aplicada a elementos subjetivos, poderia direcionar a um potencial sequestro da subjetividade, manifestado por meio de manipulação psicológica, hegemonia ideológica, controle condicionado e, também, via imaginário coletivo.

Assim, esta quarta categoria apresenta semelhanças com a terceira, mas sem a ênfase em representações femininas. Aqui, a representação do homem que adere ao movimento é metamorfoseada, uma vez que há uma necessidade de novas elaborações para essa realidade contemporânea de relações precarizadas. Nessas descrições, emerge o “homem de sucesso”, que tem autogerenciamento de todos os aspectos de sua vida, inclusive os emocionais, estando em uma espécie de desenvolvimento constante.

Por fim, na Classe 5, denominada “Espalhando a palavra”, surgem descrições mais genéricas reunindo algumas representações já abordadas em categorias anteriores, tais como “O que é ser um Red_Pill? Movimento masculino surgido e popularizado por volta da década de 20, do ano 2000. Que defende que homens não devem se casar ou namorar, mas apenas fazer sexo” ou “Assuntos Red Pill, Black Pill e MGTOW. Samurais que seguem seu próprio caminho, vamos juntos fazer a diferença” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]). Porém, nesta classe, ainda se faz presente o termo “homem de alto valor”, como no trecho que fala sobre “Filosofia, psicologia, profano feminino, feminismo, desenvolvimento pessoal e financeiro para homens de alto valor” (Daudt; Valiati; Conte, 2023, [s.p.]).

Em uma busca simples pelo termo na plataforma *YouTube*, surgem vídeos que explicam como se tornar esse ideal de homem. Em um deles (“Como ser um homem de alto valor e evoluir todos os dias, 2023”), o narrador dá dicas, frisando diversas vezes a importância da “evolução”. Essa evolução seria alcançada através do trabalho corporal, mental e espiritual, abrangendo desde uma alimentação saudável até um “controle da mente”. Devem ser investidos tempo, energia e dinheiro com a finalidade de “evoluir um pouco a cada dia”, sem nunca ficar estagnado. Dessa forma, “pessoas que não valem a pena” e pensamentos negativos devem ser evitados, bem como quaisquer tentativas de chamar a atenção “para algo que não se é”. Ao final do vídeo, o narrador anuncia seu livro de técnicas de sedução que acabariam com a falta de confiança e ensinariam a “entender a mente das mulheres”.

Todavia, corroborando observações de Gracila Vilaça e Carlos D’Andréa (2021), em buscas mais aprofundadas na plataforma é possível verificar que o termo não possui um significado tão definido. Isso evidencia que não há um discurso homogêneo ou mesmo um consenso nesse compartilhamento de ideias. Ademais, sugere que a representação dessa espécie de homem depende dos desejos ou necessidades daquele que o representa, tal qual posto por Jodelet (1989). De todo modo, alguns pontos recorrentes dessas representações acerca do “homem de valor” parecem ancorar-se tanto em referenciais *hollywoodianos* do homem sedutor (Fiúza, 2010) quanto no imaginário de homem de sucesso que permeia as ideologias gerencialistas (Gaulejac, 2007).

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar representações sociais associadas ao movimento Red Pill no Brasil, com base nas descrições de 94 canais do *YouTube* abordando o tema. Por meio de análise lexical, identificou-se cinco categorias temáticas que refletem visões específicas sobre gênero e papéis sociais.

Na Classe 1, intitulada “O canto da sereia”, a mulher é retratada como traidora e indigna de confiança, enraizada em estereótipos de gênero históricos. A Classe 2, denominada “A escolha pela verdade”, evidenciou representações sociais envolvendo a ideologia Red Pill, destacando a infidelidade das mulheres e incentivando os homens a compartilharem essa visão. A Classe 3, “Seguindo seu próprio caminho”, presentificou uma busca pela autonomia masculina, além de uma autoridade limitada às próprias decisões. Na Classe 4, “Culto ao desempenho”, houve enfoque na superação, na autodisciplina e no desenvolvimento pessoal, alinhados com a ideologia gerencialista de sucesso. Por fim, a Classe 5, “Espalhando a palavra”, combinou elementos das categorias anteriores, além de inserir o termo “homem de alto valor”, utilizando-se de interpretações variadas.

Os resultados confirmam a falta de homogeneidade no movimento, especialmente em relação ao papel da mulher. Em algumas representações, o homem ideal se afasta completamente de relacionamentos com mulheres, enquanto em outras, as relações são toleradas desde que não haja envolvimento emocional. Em ambos os casos, há ênfase no desenvolvimento pessoal, combinando elementos históricos de estereótipos de gênero com um discurso contemporâneo de autogestão masculina. Esse hibridismo de crenças vai ao encontro de resultados de pesquisas anteriores que levantam contradições na ideologia (Felinto, 2023), refletindo tensões dentro do próprio movimento. Entretanto, tais trocas de discursos, significados e valores colaboram para moldar um imaginário emergente, muitas vezes carregado de discursos discriminatórios.

Espera-se que este estudo contribua para a identificação de discursos prejudiciais e de formas de discriminação que possam ser combatidos e desafiados. Ressalta-se que, uma vez que a pesquisa contemplou descrições públicas e acessíveis, não foram encontrados discursos de ódio explícitos – já que estes poderiam ser censurados pela própria plataforma. Destaca-se, ainda, as limitações em relação à coleta de dados, uma vez que essa etapa foi realizada por meio de palavras-chave bastante específicas, não contemplando grande parte do vocabulário utilizado pela machosfera ou mesmo por discursos mais abrangentes do movimento Red Pill. No mesmo sentido, recomenda-se que estudos futuros ampliem a investigação, considerando uma análise mais abrangente incluindo a coleta e a transcrição dos vídeos compartilhados por esses canais. Os movimentos relacionados à machosfera são vastos, variados e marcados por uma heterogeneidade significativa, com divergências internas que exigem olhares aprofundados.

Referências

- ALMEIDA, E. L.; CARVALHO, M. E. P. Elementos centrais e periféricos da representação social de masculinidade de estudantes do interior de Pernambuco. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 35, n. 1, p. 247-272, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/cef-v35n1-2022-13>>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0100-15742002000300007>>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- BARROS, D. M. Movimento Red Pill revela a face cruel e reacionária do machismo nas redes. **Revista Veja**, São Paulo, 10 mar. 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo>>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- BLOCH, R. H. A lírica do amor e o paradoxo da perfeição. In: BLOCH, R. H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 180-206.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, on-line, v. 21, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/tp2013.2-16>>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- CASTRO, G. H. C.; MEDEIROS, B. N.; DIAS, C. A.; SIQUEIRA, M. V. S. Coaching interno: do discurso gerencialista ao sequestro da subjetividade. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 249-263, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v24i2p249-263>>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- CHAVES, A. M.; SILVA P. L. Representações sociais. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 413-466.
- DAUDT, R. S.; VALIATI V. A. D.; CONTE, D. **Tabela de referência de vídeos do YouTube**. 2023. Disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Ar72hS8_HZ45y2RLDSu96twRddjM2Mm9XaTzjEloMjo/edit?usp=sharing>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- FELINTO, E. “Men Going their Own Way”: Red Pill e a imaginação reacionária na internet. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/men-going-their-own-way-red-pill-e-a-imaginacao-reacionaria-na-internet?lang=pt-br>>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- FIUZA, S. R. A. **Imagens do feminino: a construção de gêneros na televisão brasileira**. 2010. 275 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 643-700.
- GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.
- HERNANDEZ, A. R. C.; SILVA, A. L. G. Psicossociologia do fenômeno Bolsonaro: representações “b” e política em tempos virais. In: ROSO, A.; GUARESCHI, P. A.; HERNANDEZ, A. R. C.; NOVAES, A.; ACCORSSI, A.; GONÇALVEZ, C. S. (Orgs.). **Mundos sem fronteiras: representações sociais e práticas psicossociais**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2021. p. 199-255.

INSTITUCIONAL. **Portal Safernet Brasil**, on-line, 2023. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/institucional>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

INTRIERI, L. Red pills e incels: por que é difícil frear misoginia online no Brasil. **Portal Terra**, São Paulo, 14 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/byte/red-pills-e-incels-por-que-e-dificil-frear-misoginia-online-no-brasil,a907ddf0bb1a6687f06be537286d962aplyfiak.html>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

JANU, L. Movimento red pill expõe misoginia nas redes sociais. **DW**, on-line, 15 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/movimento-red-pill-exp%C3%B5e-misoginia-e-machismo-nas-redes-sociais/a-64985973>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

JANUÁRIO, S. B.; CHACEL, M. C. Machosfera à brasileira: o masculinismo conservador nas redes. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/machosfera-a-brasileira-o-masculinismo-conservador-nas-redes?lang=pt-br>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Ed.). **Les représentations sociales**. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

KALAMPALIKIS, N. L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. In: ABRIC, J. C. (Org.). **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Ramonville-Saint-Agne: Érès, 2003. p. 147-163.

LEADING COUNTRIES BASED on *YouTube* audience size as of January 2023. **Statista**, on-line, jan. 2023. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/280685/number-of-monthly-unique-youtube-users/>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MASSON, E.; MOSCOVICI, S. **Les mutations dans la pratique alimentaire**: processus symboliques et représentations sociales. Paris: Laboratoire de Psychologie Sociale/ Ehess, 1997. [Rapport de recherche.]

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. The Phenomenon of Social Representations. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Orgs.). **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NAGLE, A. **Kill all Normies**: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the *Alt-right*. Pennsylvania: John Hunt Publishing, 2017.

OLIVEIRA, E. N. P.; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 16, n. 36, p. 207-226, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200006>. Acesso em: 20 nov. 2019.

O'REILLY, T. Web 2.0 Compact Definition: Trying Again. **Blog Radar**, on-line, 10 dez. 2006. Disponível em: <<http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

PATIAS, N. D.; FERREIRA, T. D. S.; GASPODINI, I. B.; PRATA-FERREIRA, P. A.; FREITAS, C. P. P. Representações sociais sobre feminismo em brasileiros/as. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 156-174, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2021.59378>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

QUEIROZ, M. S. Representações sociais: uma perspectiva multidisciplinar em pesquisa qualitativa. In: BARATA, R. B.; BRICEÑO-LEÓN, R. (Eds.). **Doenças endêmicas: abordagens sociais, culturais e comportamentais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. p. 27-46.

“RED PILL”: COMO diretora de “Matrix” rebateu Weintraub e Elon Musk por uso do termo. **O Globo**, São Paulo, 7 mar. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/03/red-pill-como-diretora-de-matrix-rebateu-weintraub-e-elon-musk-por-uso-do-termo.ghtml>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

REINERT, M. Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, on-line, v. 26, n. 1, p. 24-54, 1990.

RIEDER, B. YouTube **Data Tools** (Version 1.23) [Software]. 2019. Disponível em: <<https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SALLES, W.; VIEIRA, F. O.; SOUZA, M. S.; BARROS, S. R. S. O canto do coaching: uma análise crítica sobre os aspectos discursivos do triunfo ágil difundido no Brasil. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 13, n. 36, p. 3231-3260, 2019.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq** (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3): compilação, organização e notas de Maria Elisabeth Salviati. Planaltina: Edição do autor, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/anexo-manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati/at_download/file>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SANCHES, M. Ideologia de gênero, indígenas, China: as contradições entre o que pensam Weintraub e o Banco Mundial. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jun. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/ideologia-de-genero-indigenas-china-as-contradicoes-entre-que-pensam-weintraub-o-banco-mundial-24490118>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SANTOS, M. A. M. **O discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: McGraw Hill Brasil, 2012.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOPRANA, P. “Há um aumento sistemático de discurso de ódio na rede”, diz diretor do SaferNet – apesar de o número de denúncias contra a intolerância ter caído, há uma subnotificação relacionada a conteúdos ofensivos e segregacionistas. **Revista Época**, São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2017/02/ha-um-aumento-sistematico-de-discurso-de-odio-na-rede-diz-diretor-do-safernet.html>>. Acesso em: 4 mar. 2021.

SOUZA, Y. S.; GUEDES, S. M.; ANDRADE, I.; SANTANA, J.; MACHADO, K. C. O uso de *software* Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 2, [s.p.], 2020.

SOUZA, M. A. R. **Vivência do acompanhante da parturiente no processo de trabalho de parto e parto**. 115 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Saúde, Curitiba, 2015.

THE *MATRIX*. Direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Estados Unidos da América: Warner Brothers, 1999. 1 vídeo. (136 min), DVD, son., color.

TORRES, M. R. S. Red pills e incels: por que é difícil frear misoginia online no Brasil. Entrevista cedida a Laura Intrieri. **Portal Terra**, São Paulo, 14 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/byte/red-pills-e-incels-por-que-e-dificil-frear-misoginia-online-no-brasil,a907ddf0bb1a6687f06be537286d962aplyfiiak.html>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, on-line, v. 24, n. 1, p. 84-103, abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1097184X18816118>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VELHO, E. Relações entre a *manosphere* brasileira e a circulação de informações prejudiciais na plataforma alt-tech Telegram. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/relacoes-entre-a-manosphere-brasileira-e-a-circulacao-de-informacoes-prejudiciais?lang=pt-br>> Acesso em: 17 nov. 2025.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, on-line, v. 12, n. 2, p. 479-501, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista ECO-Pós**, on-line, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ZUCKERBERG, D. **Not all Dead White Men**: Classics and Misogyny in the Digital Age. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

YOUTUBE USERS, STATS, Data & Trends. **Datareportal**, on-line, 11 maio 2023. Disponível em: <<https://datareportal.com/essential-youtube-stats>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Informações apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Rafaella S. Daudt, Vanessa Valiati e Daniel Conte

Coleta de dados

Rafaella S. Daudt

Análise e/ou interpretação dos dados

Rafaella S. Daudt, Vanessa Valiati e Daniel Conte

Escrita e redação do artigo

Rafaella S. Daudt, Vanessa Valiati e Daniel Conte

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Rafaella S. Daudt, Vanessa Valiati e Daniel Conte

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Rafaella S. Daudt

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Os nomes e endereços dos canais foram anonimizados. Os documentos e dados coletados serão armazenados pelo prazo de cinco anos e depois descartados.